

TRANSFORMAÇÃO DA VIDA DIANTE DOS SABERES GEOGRÁFICOS: A EXPERIÊNCIA TEÓRICO PRÁTICA DO DR. LUIZ NISHIYAMA

PET Geografia
Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica
petgeoufu@gmail.com

Revista OBSERVATORIUM (RO): Conte-nos um pouco sobre o seu período de graduação em Geologia na UNESP. Quais são suas memórias desse período? Quais foram os fatos marcantes? Como era o ensino da época? E quais eram as suas perspectivas?

Luiz Nishiyama (LN): Bom, tem uma parte importante da minha vida que antecede a entrada na universidade. Quando fazia cursinho preparatório para o vestibular, em 1975/1976, pretendia fazer o vestibular para medicina. Prestei vários vestibulares para medicina e a minha intenção realmente era fazer medicina. Em 1976 já havia começado o vestibular em duas etapas na UNESP, como também na USP. Tive até a sorte de passar na primeira fase de Botucatu, então fui lá todo contente, achando o seguinte, “que bom, agora são três candidatos apenas por vaga”, então fiz a segunda etapa e no final dessa história, acabei não passando. No final desse mesmo ano estava abrindo vestibular para Geologia na UNESP, então pensei, “vou prestar Geologia”, é uma área que eu gosto e também tenho muito interesse e quando fazia o colegial também gostava muito da área das ciências da terra, geografia principalmente, até ia muito bem nas provas de geografia e a parte de geologia eu adorava. Prestei então o vestibular na UNESP, com a cara e a coragem, acabei passando, onde ingressei no primeiro ano de geologia em 1977. Naquela época, até 1977 a geologia era concluída em quatro anos, quando entrei passou para cinco anos, de forma que fiquei de 1977 a 1981 como aluno de graduação, esse período foi muito rico e interessante para minha formação, parte muito gostosa da vida, em que a gente realmente vive. E como todo curso de geologia se realizava muitos trabalhos de campo que na maioria das vezes eram trabalhos longos. Isso foi muito bom porque proporcionou um convívio muito intenso com os colegas de sala, criando um vínculo de amizade muito grande. Esse foi um dos aspectos muito interessantes, marcantes da minha vida enquanto estudante. Já mais para o final do curso em 1980-1981, eu fui estagiário do curso de geologia e nesse período a Unesp, mais especificamente a geologia de Rio Claro havia firmado um convenio, com o Departamento de Água e energia elétrica do Estado de São Paulo para fazer o mapeamento geológico do Estado de São Paulo, voltado principalmente para água subterrânea. Então nesse período eu

ingressei nesse estágio, fiquei de 1980 até fevereiro de 1982, sendo que me formei no final de 1981. Eu estava formado, mas ainda fiquei uns dois meses fazendo estágio. Outro fato marcante da graduação é que os alunos que ingressavam na geologia tinham uma responsabilidade muito grande, eram alunos muito envolvidos com o curso. Acredito que as coisas com o tempo acabam mudando, mas eu lembro que as turmas que me antecederam, minha turma e algumas turmas que se formaram posteriormente eram formadas por pessoas que tinha muito envolvimento com o curso. A maioria de nós era de fora e por isso vivíamos em república. Com isso passei por várias repúblicas, inclusive convivi boa parte da minha graduação com o professor Adriano, nós somos da mesma turma de faculdade. Moramos uns três anos na mesma república, portanto temos uma convivência de longa data, desde a graduação até agora, quase 33 anos de convivência. O professor Adriano é um velho conhecido, e nós fizemos trabalhos de campo muito interessantes, porque os professores que nos acompanhavam tinham uma grande afinidade com o campo, assim como todo geólogo tem afinidade com o campo, então ir para o campo era um prazer. Eu sinto isso também nos alunos da geografia, em que o momento mais importante talvez em uma disciplina seja a ida a campo. Claro que não estamos desprezando a disciplina, mas sabemos que o campo é um grande incentivador na formação dos alunos.

RO: No ano de 1982 iniciou a sua carreira como professor da Universidade Federal de Uberlândia. Conte-nos um pouco da sua trajetória acadêmica até os dias de hoje na UFU e especialmente no Instituto de Geografia. Comente também sobre o seu mestrado e doutorado realizados na Universidade de São Paulo nos anos de 1991 e 1998, respectivamente.

LN: Nós pegamos uma fase quando entramos na faculdade em que a geologia estava em alta, numa fase boa, em que os profissionais tinham um mercado de trabalho muito promissor, mas quando eu formei, em 1981, a geologia teve uma queda, o campo da geologia acabou caindo, inclusive a oferta de emprego diminuiu drasticamente e essa foi uma das razões para tentar a carreira acadêmica. No ano de 1982 surgiu a oportunidade de fazer o concurso na UFU, vim para Uberlândia prestar esse concurso, apesar de não ter experiência didática nenhuma. Os cursos de geologia são cursos para formar profissionais em geologia e não professores na área de geologia. São cursos de bacharelado e então com isso, claro que temos toda uma dificuldade com a falta dessa vivência didática, o que não acontece com os alunos da geografia. Durante o processo seletivo a Professora Suely Del Grossi foi da banca; o Professor da UNESP convidado

pela professora Suely, professor Paulo Milton Barbosa Landin, que mais tarde se tornou reitor da UNESP; e o professor Randolf de São Carlos. Foi interessante que na primeira fase do concurso havia vários concorrentes, se não me engano foram oito, e no fim acabei passando e desde 1982 estou aqui. A área acadêmica é muito interessante, eu gosto muito dessa área, apesar de não ter nenhuma formação didática, como nenhum geólogo tem, mas isso posteriormente a gente acabou superando. Não sei se me daria bem como profissional na área de geologia. Em março de 1982 saiu a minha nomeação, então eu assumi já com o semestre andando, pois se iniciava no final de fevereiro. Naquela época em que eu prestei o concurso a geologia estava descoberta, nós tínhamos várias turmas de geologia, uma série de cursos tinha geologia em sua grade curricular. Até é interessante, muitos não sabem mas a Matemática tinha geologia, é até engraçado, Eu cheguei a dar aula de geologia para alunos da matemática. Também a biologia, geografia e engenharia civil tinha geologia. Lembro-me que a carga horária era bem pesada, quando eu assumi no primeiro semestre, fiquei com uma carga horária de 20 horas aula. Dava aula para todos esses cursos aqui da UFU. Imagina então a dificuldade no início, eu não tinha a formação pedagógica, não tinha licenciatura, e já de cara assumir quatro/cinco turmas pra dar aula de geologia era muita coisa, então no começo era algo muito sofrido. Hoje até brinco que muitos alunos foram “meus cobaias”. Mas com o tempo a gente foi superando, ganhando experiência didática, eu acho que hoje a gente conseguiu chegar num ponto que pelo menos podemos dizer que está razoável. Quando ingressei aqui na UFU, não existia ainda o Instituto de Geografia, era o departamento de Estudos Sociais. Então era a Geografia e História juntas, muitos professores passaram por aqui. Na época a própria professora Beatriz Ribeiro Soares, Tutora do PET, a Professora Marlene de Muno Colessanti, compunham o quadro de professores, não me lembro se os outros também pegaram essa época. Convivemos um bom período nesse departamento de estudos sociais. Somente no ano de 1986 que desmembrou a geografia e história.

Um fato interessante é que muitos alunos que faziam ciências sociais eram de uma faixa etária muito diferente dos dias de hoje, inclusive muitos alunos eram mais velhos que eu, até brinco muito com os meus alunos que o Professor Washington foi meu aluno, no curso de Estudos Sociais. Não estou falando que o professor Washington é mais velho que eu, mas cabe lembrar que ele foi meu aluno. Também hoje encontro muitos ex-alunos, outros infelizmente até já faleceram, mas a gente encontra e conversa com esses ex-alunos. Essa foi uma fase interessante porque havia a participação intensa dos alunos. O que quero dizer é o seguinte que cada fase,

período, época da sua vida acadêmica existe uma mudança, você vai percebendo aquelas mudanças da época de 1982 para hoje. Hoje os alunos entram muito jovens na universidade, o semestre passado, por exemplo, dei aula para alunos com 16/17 anos, enquanto que naquela época a maioria tinha uma idade acima de 25 anos.

É sempre importante ressaltar que dentro de uma Instituição você também tem de se qualificar, então em 1988 sai para fazer o mestrado em São Carlos. Nessa época o professor Adriano já estava aqui, ele foi contratado em 1986. Também nós tínhamos mais um geólogo, professor Edson, de forma que já era possível ter a liberação para fazer o mestrado. Eu gostaria de ter saído antes, mas não foi possível porque nós tínhamos uma escala de saída, quem tinha mais tempo de casa saía primeiro, como cheguei depois fui para o final da fila, e quando chegou minha vez já era 1988. Concluí o mestrado de 1988 a 1991, nesse período me mudei para São Carlos, com bolsa integral, sendo que quando você tem bolsa você tem que mudar para a cidade que vai fazer o mestrado. Mudei com toda a família, inclusive meu filho mais novo, Daniel nasceu em São Carlos. Os outros dois filhos foram para lá ainda pequenos, o Fábio estava com cinco anos e a Andreia estava com dois anos. Foi uma fase interessante, a pós-graduação é uma fase importante na vida acadêmica, principalmente quando se faz em uma instituição que tem um foco para a pesquisa e uma infraestrutura muito boa para isso, então pude aproveitar muito. Acabei fazendo minha qualificação voltada para a Geotecnia, como São Carlos é uma escola de Engenharia, existe lá um grupo na área de geologia, mas atuando na área de engenharia e por isso acabei enveredando por esse caminho de geologia de engenharia então o mestrado foi nessa linha, terminando o mestrado em 1991, já em 1992 comecei a fazer as disciplinas de doutorado na UNESP, fiz praticamente todas as disciplinas nessa instituição, mas acabei não concluindo o meu mestrado lá, porque naquela época o programa de pós-graduação em geociências e meio ambiente não era recomendado pela CAPES, portando eu não teria direito a bolsa. Em função disso acabei voltando para São Carlos, fui aceito e reiniciei o meu doutorado. Aproveitei algumas disciplinas que havia feito antes, e em praticamente cinco anos fiz meu doutorado. Fiz em tempo parcial, viajando, não liberado totalmente para fazer o doutorado, mas fazendo as disciplinas em transito, tive liberação por um ano. No meu mestrado trabalhei na região de São Carlos. Fiz o mapeamento geotécnico da quadricula de São Carlos. Naquela época havia um grupo que tinha convênio com um grande projeto de mapeamento da folha de Campinas na escala de 1:250.000, sendo que a folha de São Carlos faz parte desta

folha. Por esse motivo acabei participando desse projeto mapeando a quadrícula de São Carlos. Várias pessoas concluíram seu mestrado fazendo o mapeamento geotécnico das respectivas folhas.

Foi um período interessante em função de esse projeto envolver a geotecnia, como também a possibilidade de trabalhar com um grupo de mapeamento geotécnico, antes disso não existia um grupo específico que realizava este trabalho.

O doutorado foi um pouco diferente, apesar de ter sido feito em São Carlos, a área de trabalho foi Uberlândia, o mapeamento geotécnico no município de Uberlândia. Foi um trabalho exaustivo, muito cansativo, um trabalho que deu muita mão de obra, porque o município é muito grande, sendo mais de 4.000 km². Só para comparar, a quadricula de São Carlos tem 700 km². Então isso acabou dando muito trabalho, pois o nível de exigência do doutorado é muito maior, se fosse fazer o mapeamento nos moldes que fiz em São Carlos seria muito mais tranquilo, mas um doutorado em uma área tão grande como o município de Uberlândia, e com pouquíssimas informações foi uma coisa muito complicada, mas enfim, a gente conseguiu superar. Naquela época, só para ter uma ideia, para sair para campo eu saia as quatro da manhã quando era ponto mais distante e chegava em casa por volta das nove da noite. Eu saia bem cedo para chegar ao lugar determinado quando ainda estivesse claro. Então fazia todo o trabalho experimental, trabalho prático e os ensaios no campo. Alguns muito demorados, que exigia uma quantidade muito grande de água. Tinha que reabastecer o reservatório de água entre um ensaio e outro e por isso um dia ficava curto, acabava terminando o ensaio por volta de sete da noite. Além da parte do campo, teve também a parte de laboratório, onde parte foi feita em Uberlândia e outra na USP de Ribeirão Preto, porque aqui em Uberlândia não tinha como desenvolver alguns pontos do meu trabalho, algumas partes experimentais. O mestrado e doutorado foram períodos muito gratificantes. É importante que todos que queiram seguir a carreira acadêmica façam o mestrado e o doutorado com um envolvimento muito grande. E principalmente ter muita responsabilidade naquilo que está fazendo, senão a gente não consegue chegar até o final, ou não consegue fazer um bom trabalho.

RO: Fale-nos um pouco sobre a sua linha de pesquisa.

LN: Desde que terminei o mestrado tenho feito pesquisas na área de mapeamento geotécnico. Até tivemos em Uberlândia o Simpósio de Cartografia Geotécnica em 2007 aqui na UFU, onde

conseguimos trazer grande parte do pessoal que atua nessa área. Infelizmente o mapeamento geotécnico é uma linha difícil de ser desenvolvida, por falta de pessoas que queiram atuar nessa área. Normalmente quem atua são os geólogos ou engenheiros civis e envolve toda área de conhecimento da geotecnia, mecânica de solos, mecânica das rochas, além de outras áreas da geologia e engenharia, mesmo da geografia, da geomorfologia, áreas importantes do desenvolvimento de uma pesquisa na linha de mapeamento geotécnico. Comecei orientando algumas pessoas nessa linha, concluindo três dissertações na linha de geotécnica, mas nenhum doutoramento nessa área. De 1999 até agora continuo orientando no mestrado e doutorado na geografia, mas tenho trabalhado com outras linhas também, na linha ambiental, o que mais tem atraído pessoas hoje. Tem vários trabalhos de cunho ambiental desenvolvidos, mas no mapeamento geotécnico não consegui dar muita sequência nessa linha.

RO: O Museu de Rochas e Minerais da UFU possui um vasto acervo, conte-nos um pouco sobre a sua criação, como também sobre a aquisição das amostras. Tem alguma história curiosa acerca da obtenção de alguma delas?

LN: Nós começamos a gestação do museu em 1982/83. E no antigo Departamento de Estudos Sociais nós tínhamos um acervo de minerais e algumas rochas. A partir deste acervo decidimos criar um museu para conservar as peças. Então a partir desse “pontapé” inicial começamos a gestação desse projeto, inclusive com a participação da professora Claudete, a professora Iara (chefe do departamento naquela época), que nos deu muito apoio e também o professor Irineu. Após isso, saímos para fazer coleta de mais amostras. A universidade pública passou por uma fase em que tínhamos recursos para comprar amostra e para a montagem do museu nós conseguimos este recurso. Saímos duas vezes para fazer a aquisição de minerais pelo estado de Minas. Uma aconteceu na companhia do professor Irineu em 1984 e em outro momento com o professor Adriano em 1986. Assim muitas amostras que estão no museu, muitos objetos do acervo, foram adquiridos nesse período. De lá pra cá não conseguimos mais ampliar significativamente o acervo, a não ser pelos materiais que coletamos nos trabalhos de campo com os alunos, o que é uma oportunidade boa também. Esse museu faz parte da minha trajetória, tem um significado muito grande para mim.

É interessante algumas coisas que acontece no nosso dia-a-dia de campo. Na primeira coleta, o professor Irineu e eu estávamos com o recurso para comprar as amostras na forma de dinheiro

vivo, ou seja, era uma responsabilidade muito grande de você ter o extremo cuidado de não perder ou acontecer qualquer coisa no caminho, de ser roubado inclusive. Nós pernoitamos a primeira noite em Luz, tendo como destino a direção de Belo Horizonte, mas a segunda noite que foi preocupante porque ficamos em Ouro Preto, em uma república justamente para economizar dinheiro para poder comprar amostra. Então arranjamos uma república e deixamos nossas malas e saímos para jantar. Quando voltamos encontramos a república trancada e ninguém nos atendia. Bateu a preocupação: “A meu Deus do céu, onde essas pessoas estão que não nos atende?”. Ficamos preocupados com o dinheiro, e esperamos do lado de fora grande parte da noite, mas por sorte a pessoa tinha saído para uma festa e retornando tarde. Outro acontecimento interessante foi que o professor Irineu, ele é um professor alto, deve ter por volta de 1,90 metros de altura, e quando ele foi deitar na cama de algum estudante que estávamos ocupando ele acabou quebrando a cama. Imagina aqueles casarões antigos de Ouro Preto que são de assoalho, foi um barulho tremendo com a queda do professor. A outra saída foi com o professor Adriano. Nos fomos fazer uma coleta na região de Governador Valadares, em uma zona de mineração distante da sede do município. O caminho até esse local era de estrada de terra e estávamos num período chuvoso. Foi exatamente na época que aconteceu uma grande enchente na Rondon Pacheco em 1986. Vocês imaginem a gente andando descalços em função do barro que se formou na estrada recém cortada, por esse motivo formou aquele barro e foi preciso tirar o sapato e arregaçar as calças para chegar à “boca” da mina para coletar amostras. Foi um sacrifício essa situação, muitas amostras carregamos nas costas, mas foi interessante. Outra história foi sobre uma peça que está lá no museu hoje, um fóssil de mesossaurídio. Esse foi um puro golpe de sorte. Eu estava sob um monte de rocha que havia sido detonada para exploração de calcário e averiguando as rochas bato o martelo num bloco, este se partiu no meio e um fóssil quase inteiro de mesossaurídio apareceu. Foi fácil demais, mas infelizmente essa fóssil falta a parte mais importante, a cabeça, ela deve ter ido para o moinho. Deve ter sido triturada e virado pó de calcário.

Foi um dia muito feliz para mim, pois achar um fóssil desse jeito não é fácil. Apesar de termos uma legislação muito forte, infelizmente temos uma grande quantidade de contrabando no país. Um mesossaurídio do jeito que eu encontrei, completo e com a cabeça, hoje no mercado externo deve valer entorno de 20 mil dólares. Então é por isso que os fósseis são extremamente contrabandeados e isso é uma contravenção. Não se pode, é proibido por lei, recentemente um fóssil de réptil alado do Nordeste, uma espécie nova, com a cabeça inteira, foi leiloada na França

com valores extremamente altos. Com certeza esse fóssil saiu contrabandeado aqui do Brasil. Infelizmente isso acontece.

RO: Como tem sido a experiência como responsável pela Empresa Júnior do Instituto de Geografia? Conte-nos um pouco sobre o projeto.

LN: No ano de 2008 iniciei minha tutoria na Empresa Junior. Posso dizer o seguinte: a Empresa Junior teve duas fases, uma antes de 2008 e uma posterior a 2008. Claro que antes de mim outras pessoas antecederam a tutoria, mas a Empresa começou a ter uma postura mais profissional a partir de 2008. Eu não estou falando isso em função da minha tutoria, mas em função das pessoas que entraram no grupo e que tem uma visão mais séria e responsável acerca do projeto. Eu tive muita sorte de estar trabalhando com um grupo que via a Empresa Junior como uma instancia do Instituto de Geografia, mas que ao mesmo tempo tinha que “mostrar sua cara” lá fora, de forma mais responsável como uma empresa prestadora de serviço. Ela está muito mais aberta, e explicita, com uma publicidade muito maior. Então é uma satisfação muito boa que tenho. Espero que continue assim, mesmo tendo uma rotatividade muito grande. Tivemos a primazia de fazer alguns trabalhos muito interessantes onde os alunos puderam participar e aprender. A universidade é de forma geral uma instancia acadêmica que não consegue suprir certas vivências profissionais, e esse tipo de atividade é uma boa oportunidade para os alunos. É o momento que o aluno tem o contato com a realidade profissional, seja ele geógrafo, biólogo, engenheiro mecânico, sendo a ligação entre a academia e a vida profissional. Então eu gostaria que a empresa Junior tivesse muito mais atividades para desenvolver, mas infelizmente isso não acontece porque existe uma concorrência no mercado. Você sabe que hoje no mercado da geografia tem muitas pessoas oferecendo outros serviços. Além disso, a empresa Junior talvez não tenha uma visibilidade como tem outras empresas fora da universidade. Então talvez esse seja um lado muito difícil. A divulgação feita hoje talvez melhore essa visibilidade. A partir de uma maior seriedade e divulgação do trabalho irão se abrir mais oportunidades para os alunos que queiram experimentar a vivência profissional.

RO: Do que você mais se orgulha dentro de sua carreira profissional? Quais os sonhos já alcançados e quais são as perspectivas de futuro?

LN: O que mais me deixa orgulhoso, contente e satisfeito é ver os alunos formados. Qualquer lugar que você anda, seja Uberlândia e ate mesmo fora, você encontra os seus alunos e muitos deles muito bem “encaixados” no mercado de trabalho. Pessoas que conseguiram atingir uma meta e estão no mercado. Então isso que me deixa muito satisfeito, muito contente. A graduação é mais gratificante de tudo, é o lado da academia que mais me deixa satisfeito, mais que a pós-graduação. Ver os alunos que chegam aqui totalmente imaturos, quando chega ao ultimo ano você vê uma mudança completa. Ao longo do curso ele vai mudando, vai mostrando essa evolução e isso é interessante, pois esse “fruto” não só da gente, mas de todos os professores do Instituto. Nós professores ate brincamos dizendo que nossos alunos são nosso reflexo, porque ensinamos e nos envolvemos na formação desses alunos e estes por sua vez dão o retorno mostrando que estão progredindo no aprendizado. Vejo muitos ex-alunos que terminaram o doutorado, ex-alunos que ocupam cargos importantes, seja na iniciativa privada seja no governo municipal, e alguns ate no governo estadual. Quando vemos essas trajetórias positivas sabemos que tivemos uma participação pequena, mas que auxiliou nessa formação. Sobre as perspectivas do futuro é claro que temos, pois se não tivermos sonhos a vida não teria sentido. O meu sonho é o seguinte: gostaria que a universidade evoluísse mais rapidamente do que é hoje, seja na questão de laboratório, espaço físico adequado, com mais participação dos alunos. Então o meu sonho é que a universidade também cresça da maneira em que os alunos crescem aqui dentro da instituição. Que a universidade se aparelhe, que detenha de uma infraestrutura muito melhor do que era a cinco anos a dez anos atrás. Não é crítica a universidade, mas é um sonho. Também particularmente almejamos o desenvolvimento de projetos que envolvam muitos alunos, podendo trazer inclusive uma resposta para região. Infelizmente os nossos sonhos às vezes acabam sendo cortados e nos colocamos apenas na posição de sonhar dentro daquilo que é possível, sendo sempre um sonho contido. Para o futuro pretendo continuar dando o máximo de mim, naquilo que sei mais fazer que é ensinar. Agente gostaria de continuar fazendo as pesquisas, trabalhando, claro que estamos correndo a traz disso, encaminhado nossos projetos de pesquisas, mas nem sempre tem revertido em sucesso. Tem um projeto de grande relevância que eu estou esperando ser aprovado ate o termino do ano ou começo do ano que vem que vai poder envolver muitos alunos. Queremos continuar fazendo projetos desse tipo.

RO: Nas suas quase três décadas como professor universitário, você acumulou uma vasta experiência profissional, como também na vida pessoal. Deixe para os alunos da Geografia uma mensagem de como seguir uma trajetória concisa e de sucesso.

LN: É necessário a partir do momento que você entra no curso que abrace e que goste daquilo que escolheu para fazer. No caso a geografia, tem que dedicar dar o máximo para que esteja dentro de um universo dos geógrafos que se formam no país. Deve-se buscar ser uma pessoa que consiga obter todo um arcabouço de conhecimento, que acumule esse conhecimento, que tenha interesse de participar de todas as atividades, de todos os projetos dentro da instituição e que tudo isso seja muito bem aproveitado e levado com muita responsabilidade. Lembre-se sempre que tudo o que faz leva o nome da instituição, sendo que ela não depende somente do professor, mas depende também dos alunos. Então os alunos que se formam, vão levar sempre o nome da instituição. O professor é apenas um coadjuvante nessa história, nesse processo, pois quem faz o nome do curso de geografia são os alunos. Portanto antes de tudo que o aluno tenha muita dedicação, pois assim será recompensado em sua futura carreira.